

# Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem

## *Incidence of self-medication in nursing students*

Benedito dos Santos<sup>1</sup>, Leticia Gouveia de Souza<sup>1</sup>, Natália Matachun Delgado<sup>1</sup>, Wagner Oliveira Torres<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Curso de Enfermagem da Universidade Paulista, São Paulo-SP, Brasil.

### Resumo

**Objetivo** – Abordar a automedicação entre graduandos de Enfermagem, associado aos problemas de saúde. Objetivou-se uma avaliação da incidência, conhecimento dos medicamentos e os fatores de risco. **Métodos** – Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter quantitativo, realizado com 89 graduandos de Enfermagem de uma universidade particular de São Paulo, Universidade Paulista (UNIP), que responderam o questionário, caracterizando o perfil e a prática da automedicação. **Resultados** – Mostrou-se que esta prática ocorre em 65,17% dos graduandos de Enfermagem, 43,82% costumam indicar medicamentos a outras pessoas, a droga prevalente de uso são os analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e antitérmicos justificando seu uso pelo conhecimento da patologia acometida, 52,81% fazem uso sob orientação própria, 86,51% não apresentaram qualquer tipo de reação adversa pelo uso da automedicação e 86,52% acreditam que a automedicação pode mascarar doenças. **Conclusão** – Este estudo evidenciou que a prática da automedicação foi elevada entre os graduandos, sendo necessária uma abordagem sobre a temática e explicitar aos graduandos os fatores de risco e a necessidade de avaliação e prescrição médica, fundamentado no código de ética profissional.

**Descritores:** Automedicação; Enfermagem; Estudantes de Enfermagem; Uso de medicamentos

### Abstract

**Objective** – To cover self-medication among nursing graduates, associated to health problems. The study aimed at the evaluation of the incidence, knowledge of the medications and risk factors. **Methods** – It is a field search of quantitative character, performed with 89 nursing graduates from a private university in São Paulo, University Paulista (UNIP), who answered the questionnaire, characterizing the profile and practical the self-medication. **Results** – It has been found that this practice occurs with 65,17% of the nursing graduates, 43,82% indicate medicaments to others people, the prevalent drug of use is the analgesics, anti-inflammatory, antibiotics and antipyretics justifying its use by knowledge of the pathology involved, 52,81% they use under the guidance itself, 86,51% did not show any adverse reaction by the use of self-medication and 86,52% believe that self-medication can mask illnesses. **Conclusion** – This study it evidenced that the practical one of self-medication was elevated between the graduates, being necessary to approach the topic and explain to the graduates the risk factors and the need for a medical evaluation and prescription, based on the professional ethics code.

**Descriptors:** Self-medication; Nursing; Students, nursing; Drug utilization

### Introdução

A automedicação é a seleção e o uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas e deve ser entendida como um dos elementos do autocuidado. O mesmo documento define automedicação responsável como: a prática pela qual, indivíduos tratam seus problemas de saúde com medicamentos aprovados e disponíveis para serem adquiridos como indicado<sup>1</sup>.

Esta prática é bastante difundida não apenas no Brasil, mas também em outros países, em decorrência dos sistemas de saúde precários, que acabam por induzir os pacientes a recorrerem a meios não corretos para o alívio de sintomas que os afligem<sup>2</sup>.

A automedicação não está restrita somente aos leigos, por outro lado é uma prática muito difundida entre os profissionais de saúde, sendo enfermeiros e médicos mais vulneráveis à dependência de certas drogas por terem livre acesso a elas em sua jornada de trabalho<sup>3</sup>. Os mesmos têm consciência dos riscos, no entanto os ignora por estar constantemente envolvidos em ambiente hospitalar sentindo-se seguros em se automedicar bem como a outros que fazem parte do seu convívio social. Sem considerar o risco, a automedicação com mais de um grupo de medicamentos foi praticada por 88% dos estudantes de Enfermagem, de três faculdades de João Pessoa (Paraíba, Brasil)<sup>4</sup>.

No entanto, a utilização inadequada e a prescrição errônea de medicamentos podem tornar difícil a detecção de doenças, pois as complicações são verificadas em longo prazo, fazendo com que não se percebam efeitos indesejáveis que a automedicação pode acarretar<sup>5</sup>.

A disponibilidade de medicamentos em estabelecimentos farmacêuticos, a propaganda de indústrias farmacêuticas e pelos sites de vendas da internet favorece a automedicação, já que este processo de compra é facilitado através da isenção da prescrição ou de receitas progressas sendo imprescindível o uso racional. A *World Health Organization*<sup>6</sup> (2002) diz que há uso racional quando os pacientes recebem medicamentos apropriados às suas necessidades clínicas, em doses que atendam às suas próprias necessidades individuais, por um período de tempo adequado e ao menor custo para eles e sua comunidade.

O impacto do uso de medicamentos em uma sociedade tem várias facetas. Por um lado, os medicamentos podem aumentar a expectativa de vida, erradicar certas doenças, trazer benefícios sociais econômicos, e por outro lado podem aumentar os custos da atenção à saúde se utilizados inadequadamente e ou levar à ocorrência de reações adversas<sup>7</sup>. As reações se tornam o grande problema da automedicação. De acordo com a *World Health Organization*<sup>8</sup> (1998), reação adversa a medicamento (RAM)

é definida como sendo qualquer evento nocivo e não intencional que ocorreu na vigência do uso de um medicamento, utilizado com finalidade terapêutica, profilática ou diagnóstica, em doses normalmente recomendadas. Os números dos últimos sete anos mostram que as reações adversas são responsáveis por cerca de 55% dos registros na unidade brasileira de farmacovigilância<sup>9</sup>. Estima-se que cerca de 3% a 8,4% das internações em enfermarias de Medicina Interna são relacionadas com RAM<sup>10</sup>.

Assim, é importante abordar outro conceito a ser tratado, que está relacionado com o uso indiscriminado de medicamentos fitoterápicos, que no conceito de muitos usuários são inofensivos à saúde e não apresenta contraindicações. No ponto de vista do estudo e a citação de alguns autores é um conceito equivocado, pois, estudos realizados mostram que reações adversas fazem-se presentes causando reações intrínsecas que são aquelas inerentes a constituição química e reações extrínsecas, ocasionadas pelas falhas durante o processo de fabricação e que, tem ocorrido com maior frequência devido ao aumento do interesse populacional<sup>11</sup>. Desta forma o estudo teve como objetivo identificar a prática da automedicação, e a prevalência dos medicamentos utilizados pelos graduandos. Mediante o resultado justifica a necessidade de um trabalho educativo com a população pesquisada.

## Métodos

Estudo de campo com abordagem descritiva quantitativa. A pesquisa foi realizada na Universidade Paulista (UNIP), com amostra de 89 graduandos de 125 que estavam ausentes no momento da aplicação do questionário, totalizando 71,20% de pesquisados. Todos regularmente matriculados no 8º semestre do curso de Enfermagem, período vespertino e noturno. Os demais semestres não estão inclusos na pesquisa, por não terem completado a grade curricular.

Os alunos foram abordados nos intervalos de aula durante o período letivo de setembro a outubro de 2009. O instrumento de coleta de dados se constituiu de um questionário aberto e fechado composto por 10 questões, onde o pesquisado é caracterizado quanto ao sexo, idade e peso. Tratou sobre a temática da automedicação em sua rotina, tipos de medicamentos mais utilizados, motivo pelo qual faz uso e se há indicação destes para com outros indivíduos.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da UNIP e aprovado sob o nº 349/09. Toda pesquisa foi desenvolvida mediante esclarecimentos gerais aos participantes e, estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Os dados foram analisados de forma estatística e percentual, sendo tabulado em gráficos e tabelas.

## Resultados e Discussão

Os dados foram analisados de forma percentual estatístico e tabulados em gráficos, tabelas e tratados descritivamente, e associado a citações de referências da pesquisa bibliográfica.

Destacou-se a predominância do sexo feminino, algo justificável devido ao fato das turmas do curso de Enfermagem serem compostas, em grande número pelo sexo feminino<sup>12</sup> (Gráfico 1). De acordo com estudo realizado pelo Ministério da Saúde, observou-se que 90,91% da equipe de enfermagem do programa saúde da família são compostas pelo sexo feminino<sup>13</sup>.

Segundo a Tabela 1, do total de alunos pesquisados 65,17% têm o hábito de automedicar-se e 23,59% entraram em contradição, pois afirmam que não se automedicam, porém no Gráfico 2 sinalizam os tipos de drogas que fazem uso. Seis estudos que evidenciaram os índices da automedicação entre estudantes de cursos da área da saúde, a Enfermagem apresenta resultados entre 72% e 91,2%, isto é, alta incidência<sup>14</sup>. Tais achados são preocupantes e devem ser discutidos com a população envolvida com vistas à responsabilidade dos profissionais que devem servir de modelo de autocuidado para seus clientes, fundamentado do princípio ético de sua responsabilidade, associado aos conhecimentos que adquirem sobre os efeitos das drogas sobre o organismo.

**Tabela 1. Graduandos de Enfermagem que se automedicam, indicam medicamentos e acreditam que fitoterápicos não possuem contraindicações. São Paulo-SP, 2009**

	Automedicam-se	Indicam medicamentos	Fitoterápicos não possuem contraindicação
Sim	65,17%	43,82%	26,97%
Não	11,24%	53,94%	66,29%
Nada	–	2,24%	6,74%
Contradição	23,59%	–	–
Total	100%	100%	100%

Além disso, 43,82% costumam indicar medicamentos a outras pessoas. Considerou-se este índice alto, sendo uma prática ilegal de acordo com o Código de Ética de Enfermagem, segundo Art. 48 o enfermeiro não pode prescrever medicamentos exceto os previstos em legislação vigente e em caso de emergência<sup>15</sup> e pelo Art. 30 administrar medicamentos sem conhecer a ação da droga e sem certificar-se da possibilidade dos riscos<sup>16</sup>.

Segundo a Resolução COFEN nº 271 a prescrição medicamentosa pelo enfermeiro somente é assegurada pela legislação profissional quando fundamentada nos Programas de Saúde Pública ou em rotinas institucionais, mediante protocolos elaborados pela Instituição ou pelo Ministério da Saúde, até que se decida sobre o mérito da questão judicial<sup>17</sup>. Avaliando o conhecimento dos graduandos sobre fitoterápicos, 66,29% acreditam que estes medicamentos não possuem contraindicação, como mostra a Tabela 1. Estudos com medicamentos fitoterápicos mostram que reações adversas fazem-se presentes causando toxidez, adulterações e sinergismos<sup>18</sup>.

Quanto aos tipos de medicamentos que fazem uso, destacaram-se os: analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e antitérmicos (Gráfico 2). Observou-se também uma taxa de uso de medicamentos controlados sem prescrição médica, sem levar em conta que a droga tem um grau de dependência e de tolerância mais elevados que drogas comuns<sup>19</sup>. Segundo estudo, analgésicos, antitér-

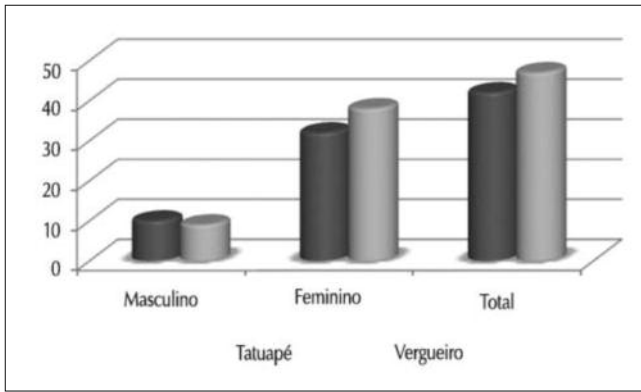


Gráfico 1. Perfil dos acadêmicos de Enfermagem em relação ao sexo. São Paulo-SP, 2009

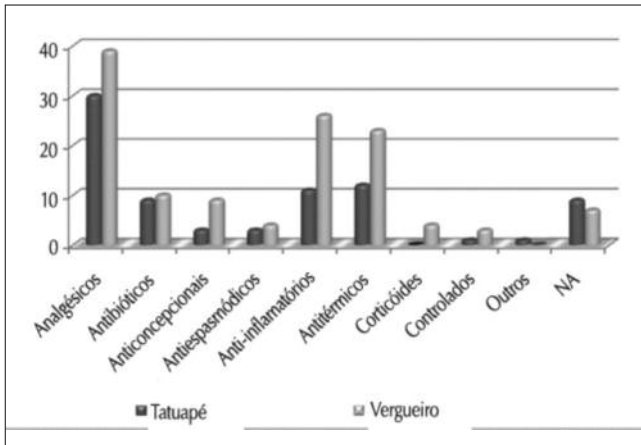


Gráfico 2. Tipos de medicações que se faz uso. São Paulo-SP, 2009

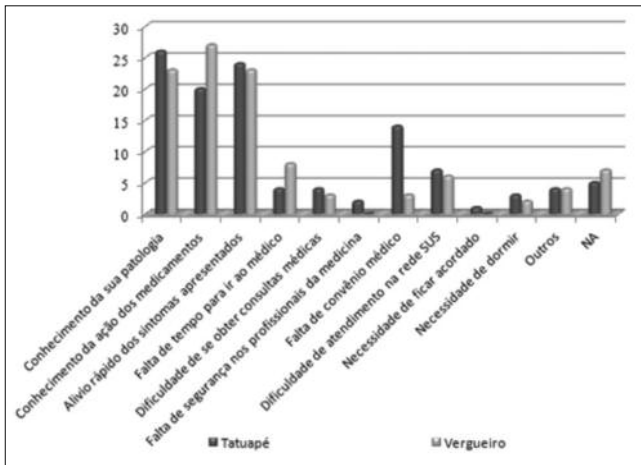


Gráfico 3. Motivo para a prática da automedicação. São Paulo-SP, 2009

micos e anti-inflamatórios não hormonais (AA) estão entre os medicamentos mais amplamente utilizados por adultos e crianças, com ou sem prescrição médica<sup>20</sup>.

Quanto ao uso de drogas analgésicas, estas produzem menos efeitos adversos em relação aos sistemas circulatório e respiratório e tem pequeno potencial de abuso quando comparado a outros analgésicos narcóticos<sup>21</sup>.

No caso dos antitérmicos, alguns dados indicam que a dipirona sódica possui mecanismo de ação central e periférico combinados<sup>22</sup>. Nos antibióticos, utilizado como

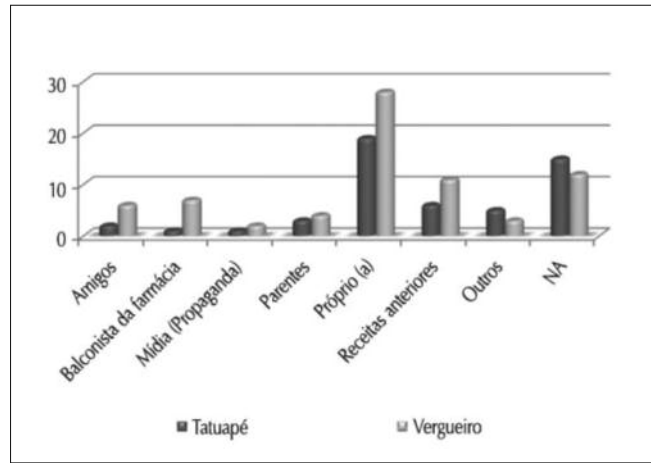


Gráfico 4. De quem o graduando recebe orientação para a prática da automedicação. São Paulo-SP, 2009

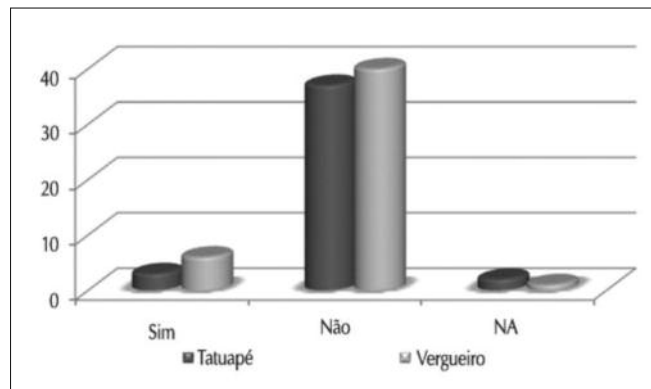


Gráfico 5. Graduandos que apresentaram algum tipo de reação adversa após automedicar-se. São Paulo-SP, 2009

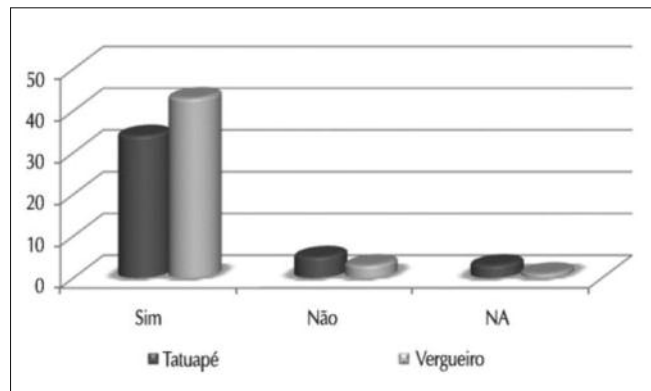


Gráfico 6. Graduandos que acreditam que a automedicação pode mascarar doenças. São Paulo-SP, 2009

base o princípio ativo penicilina, tem como mecanismo de ação 50% de seu composto benzilpenicilina ligado às proteínas plasmáticas. Distribui-se amplamente pelos vários tecidos do organismo. Os níveis mais elevados são encontrados nos rins, e em menores concentrações no fígado, pele e intestinos. A benzilpenicilina penetra em todos os outros tecidos e no líquido, em menor grau.

Segundo o Gráfico 3, o motivo pelo qual o graduando faz uso da automedicação é o conhecimento da patologia, ação da droga e alívio rápido dos sintomas apresentados. Nota-se que o graduando demonstra possuir

conhecimento sobre seu estado fisiopatológico e ação farmacológica, não precisando passar por uma consulta para receber uma nova prescrição medicamentosa, sendo sujeito a sanções jurídicas fundamentadas em seu código de ética, embora ainda não tenha a sua credencial como profissional. Deve-se ressaltar que esta prática poderá desenvolver a dependência química ou outros danos que o dificultem ao exercício de sua profissão, causando risco de origem gastrointestinal como náuseas, vômitos, dor epigástrica, constipação intestinal até reações mais graves como anemia hemolítica, insuficiência renal em pacientes desidratados e inibição da agregação plaquetária devido ao uso de anti-inflamatórios não-esteróides (AINES)<sup>23</sup>. Em função do aumento e da facilidade de conhecimento obtido na escola e na profissão de enfermagem, e da intenção do próprio cuidado pelo profissional, a automedicação é uma realidade que tende a elevar-se. Ainda assim entende-se a conduta da automedicação, respaldada pela cognição e atuação em saúde e enfermagem, com tendência a ampliar-se a outros tipos de drogas - como os psicotrópicos - e tornar-se abusiva<sup>24</sup>.

Identificou-se no Gráfico 4 que 52,81% dos graduandos de Enfermagem fazem uso da automedicação sob orientação própria e 19,10% utilizam medicações através de receitas anteriores, o que também não deixa de ser automedicação.

Do total de alunos pesquisados, 86,51% não apresentaram qualquer tipo de reação adversa pelo uso da automedicação (Gráfico 5). Talvez isto justifique a continuação da prática, já que não acarreta, na maioria dos casos, nenhum dano perceptível à saúde, no primeiro momento, visto que as complexidades surgirão a longo prazo. A porcentagem menor dos avaliados que apresentam algum sintoma, pode não identificar a reação adversa ao medicamento, pois não diferenciam dos sinais e sintomas da doença e por se tratar de um assunto pouco discutido durante sua formação, que conseqüentemente, acarreta no aumento do índice da automedicação.

Perguntado se a automedicação pode mascarar doenças, 86,52% responderam que sim (Gráfico 6). Isso mostra que, embora relatem conhecimento do risco desta prática, ainda fazem uso sabendo que pode desencadear fatores relacionados e que podem desenvolver algum tipo de patologia.

Portanto, a automedicação é uma prática que atinge toda a população desde o leigo até os profissionais de saúde que é um fato de grande importância que deve ser dado uma atenção maior, talvez com uma abordagem dos riscos que podem acarretar durante o período de graduação, para que o futuro profissional possa atentar a população do risco desta prática. Observou-se ainda, que, o índice de consumo de analgésicos são altos nos campus pesquisados, sendo importante repassar que a dor é um mecanismo de defesa importante, porque indica à pessoa que algo está errado, sendo assim, necessária uma abordagem mais profunda a respeito deste quinto sinal vital, tão importante quanto os outros e deve sempre ser avaliada num ambiente clínico, para se empreender um tratamento ou conduta terapêutica<sup>25</sup>.

## Conclusão

Este estudo evidenciou que a prática da automedicação em graduandos de enfermagem é elevada, sendo maior a prevalência do sexo feminino devido à uma questão histórica e social.

O motivo pelo qual a prática é existente é que o graduando acredita ter conhecimento de sua patologia, conhecimento da ação da droga e do alívio rápido dos sintomas apresentados, e a indicação na maioria dos casos é própria. O analgésico seguido do anti-inflamatório foram os medicamentos mais administrados. Outro dado alarmante é que os graduandos acreditam que fitoterápicos não têm contraindicação e que a prática da automedicação pode mascarar doenças, porém o estudo evidenciou que grande parte fazem indicação de medicamentos a outras pessoas, considerando-se este número alto, já que quase atinge a metade dos estudantes. Talvez isso justifique-se devido ao baixo índice de reações adversas e de complicações que são verificadas a longo prazo.

Assim, a automedicação torna-se um problema de grande proporção com várias questões inseridas e aparentemente como uma prática de difícil controle. A única forma de reverter esta situação é a orientação dos graduandos, com uma abordagem maior sobre os riscos gravíssimos que esta prática pode acarretar em campanhas educativas e nos cursos de graduação de Enfermagem ministradas na disciplina de farmacologia e bioética, dando continuidade a problemática deixando explícito que a automedicação é um recurso amplamente acessível, porém os conhecimentos adquiridos no curso não habilitam o indivíduo a esta prática, sem qualquer orientação médica, com uma abordagem específica, com segurança e confiabilidade.

## Referências

1. Marin N, organizador. Assistência farmacêutica para gerentes municipais. Rio de Janeiro: OPAS/ OMS; 2003.
2. Matias GL. Automedicação. Rev Assoc Méd Bras. 2001;47(4): 269-70.
3. Graeff FG. Drogas psicotrópicas e seu modo de ação. São Paulo: EPU; 1989.
4. Magaldi L, Rocafull J. Farmacovigilância y hábitos de consumo de medicamentos en los estudiantes de la Escuela de Enfermería de la Universidad Central de Venezuela. Rev Fac Med (Caracas). 2004;27(1):74-8.
5. Paulo LG, Zanine AC. Automedicação no Brasil. AMB Rev Assoc Méd Bras. 1988;34(2):69-75.
6. World Health Organization. Promoting rational use of medicines: core components. Geneva; 2002 (WHO Policy Perspectives on Medicines, 5).
7. Pfaffenbach G, Carvalho OM. Reações adversas a medicamentos como determinantes da admissão hospitalar. Rev Assoc Méd Bras (1992). 2002;48(3):237-41.
8. World Health Organization. The role of the pharmacist in self-medication and self-care. Geneva: WHO; 1998.
9. Mello DR. Erros de medicação. Rev Pharm Bras. 2006;(51):4-7.
10. Hallas J, Gram LF, Grodum E, Damsbo N, Broesen K, Haghfelt T *et al*. Drug related admissions to medical wards: a population based study. Br J Clin Pharmacol. 1992; 33:61-8.

11. Silveira PF, Arrais MAM, Dourado PS. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. *Rev Bras Farmacogn*. 2008;18(4):618-26.
12. Cerqueira GS, Diniz MFFM, Lucena GT, Dantas AF, Lime GMB. Perfil da automedicação em acadêmicos da Enfermagem na cidade de João Pessoa. 2005 [acesso 23 maio 2009]. Disponível em: <http://www.adufpb.org.br/publica/conceitos/11/art17pdf>
13. Ministério da Saúde (BR). Perfil de médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família no Brasil. 2000 [acesso 12 nov 2009]. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/psf-perfil/prefacio.html>
14. Holthausen CN, Aldeman J, Borges JN, Mattar SB, Miguel MD. Automedicação e os acadêmicos da área da saúde. *Infarma*. 2001; 13(1/2):74-5.
15. Conselho Regional de Enfermagem (São Paulo). Documentos básicos de enfermagem: principais leis e resoluções que regulamentam o exercício profissional de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. São Paulo: Editora Escrituras; 2001.
16. Conselho Regional de Enfermagem (São Paulo). Principais legislações para o exercício da enfermagem. São Paulo; 2007.
17. Conselho Regional de Enfermagem (São Paulo). Resolução COFEN nº 271/2002. Regulamenta ações do enfermeiro na consulta, prescrição de medicamentos e requisição de exames. São Paulo; 2002.
18. Turolla MSR. Avaliação dos aspectos toxicológicos dos fitoterápicos: um estudo comparativo. São Paulo; 2007.
19. Katzung BG. Farmacologia básica e clínica. 6.ed. Porto Alegre: Artmed; 2005.
20. Bricks LF. Analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios não hormonais: toxicidade – Parte I. Disponível em: <http://pediatriasao-paulo.usp.br/upload/html/365/body/09.htm>
21. Medley Indústria Farmacêutica. Bula cloridrato de tramadol [acesso 29 nov 2009]. Disponível em: [http://www.medley.com.br/bula/cloridrato\\_de\\_tramadol\\_caps.pdf](http://www.medley.com.br/bula/cloridrato_de_tramadol_caps.pdf)
22. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Bulário digital [acesso 29 nov 2009]. Disponível em: <http://www4.anvisa.gov.br>
23. Passos MMB. O uso de anti-inflamatório não esteróides como fator de risco para reações adversas do trato gastrintestinal alto em pacientes submetidos a endoscopia: um estudo caso-controle [tese online]. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2002 [acesso 29 nov 2009]. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=344035&indexSearch=ID>
24. Baggio MA, Formaggio FM. Automedicação desvelando o descuido de si dos profissionais de enfermagem. *Rev Enferm UERJ*. 2009;17(2):224-8.
25. Sousa FAEF. Dor: o quinto sinal vital. *Rev Latinoam Enferm*. 2002 [acesso 29 nov 2009];10(3). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692002000300020&script=sci\\_arttext&lng=](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692002000300020&script=sci_arttext&lng=)

**Endereço para correspondência:**

Natália Matachun Delgado  
Rua Manoel Rodrigues da Rocha, 250 - Parque Santa Rita  
São Paulo-SP, CEP 08150-060  
Brasil

E-mail: nataliamatachun@hotmail.com

Recebido em 30 de março de 2010  
Aceito em 20 de outubro de 2011